

Medievística Germanística – fontes e edições de textos: apontamentos

Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ)

Resumo: O trabalho ecdótico com os textos medievais referentes ao mundo germânico continental é uma das tarefas basilares da Medievística Germanística. O presente artigo apresenta, de forma introdutória, três fontes oriundas do mundo medieval germanófono, a saber, do médio-baixo-holandês e do primeiro estágio do moderno-alto-alemão, em que serão sucintamente elencados aspectos lingüísticos tanto no que concerne às fontes quanto à organização das edições ora analisadas.

Palavras-chave: Medievística Germanística; Médio-baixo-holandês; *Frühneuhochdeutsch* – Edições

Abstract: Ecdotic works with medieval texts about the Continental Germanic world is one of the basic tasks of Medieval Germanistics. This paper provides an introductory analysis of three German-language medieval sources, including Middle-Low-Dutch and the first stage of Modern High German. Linguistic aspects will be listed briefly with respect to the sources and organization of the editions analyzed.

Keywords: Medieval Germanistics; Middle-Low-Dutch; *Frühneuhochdeutsch* – Editions

No cenário acadêmico brasileiro, os estudos relacionados à Medievística Germanística¹ ainda apresentam-se esparsos e bastante raros, o que não permite aos estudiosos terem um contato mais substancial com a riquíssima produção literária em

1 - Sobre a conceituação de Medievística Germanística e Filologia Germânica cf. nota 8.

línguas germânicas, em especial durante a Idade Média², salvo exceções ligadas a alguns textos em língua alemã e inglesa. Por outro lado, praticamente inexistem trabalhos acerca das outras línguas germânicas e suas respectivas literaturas no medievo. Com vistas ao preenchimento desta lacuna científica, aproveitamo-nos, portanto, do lançamento no Velho Continente de traduções bem cuidadas de fontes literárias medievais em holandês e em alemão para nossos comentários ensaístico-resenhistas.

As duas primeiras obras pertencem à série intitulada **Bibliothek mittelniederländischer Literatur** (Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval, ou BIMILI), publicada pela Agenda Verlag,

2 - Como exceção cita-se a obra capital de Heinrich Bunse, *Iniciação à Filologia Germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983. Sobre a língua alemã, a partir de um aporte filológico, as duas obras mais importantes são as de Erwin Theodor Rosenthal, *A língua alemã*. São Paulo: Herder, 1963 e a tradução de Jaime Ferreira da Silva e Antônio Almeida do tratado de Peter von Polenz, *História da língua alemã*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973. Reflexões acerca da importância da Filologia Germânica no cenário universitário nacional são encontradas em Bragança Júnior, Álvaro Alfredo & Rocha, Roberto Ferreira da. Notas para responder à pergunta: o que é Filologia Germânica? In: Silva, Idalina Azevedo da (Org.). *Boletim Inter-Cultural APA-Rio*. Rio de Janeiro: APA-Rio, 1996, p. 4-5, e do mesmo autor, *Iniciação à Filologia Germânica*. Breve história comparada do inglês e do alemão, encontrado em <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno02-01.html>. Teses e dissertações sobre a literatura medieval em inglês e em alemão também são escassas, embora seu número tenha crescido significativamente desde 2006.

com sede em Münster, Alemanha, e que, sob a coordenação dos medievistas neerlandeses Bart Besamusca e Carla Dauven-van Knippenberg, inclui a participação de renomados colegas holandeses, belgas e alemães como Bernd Bastert, Clara Strijbosch, Elisabeth Schmid, dentre outros.

A tradução da obra poética do trovador “austríaco”³ Oswald von Wolkenstein, a cargo de Wernfried Hofmeister, completa o nosso quadro de exemplos, sobre os quais nos debruçaremos sucintamente.

No que diz respeito à Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval, doravante BIMILI, a mesma está concebida em 12 volumes, a saber:⁴

1. *Karel ende Ellegast / Karl und Ellegast* – (lançado em 2005);
2. *Reynaerts Historie* (lançado no segundo semestre de 2005);
3. *Sente Servas*, de Heinrich von Veldeken (2008);
4. *Reis van Sint Brandaan*;
5. *Roman van Walewein*, de Penninc en Vostaert;

3 - “Austríaco” nos dias de hoje, pois à época do trovador havia a Marca da Áustria.

4 - Na nomeação dos volumes manteremos os títulos no original.

6. *Beatrijs*;
7. *Borchgravinne van Vergi*;
8. *Floris ende Blancefloer*, de Diederic van Assenede;
9. *Elckerlijc*;
10. *Strofische gedichten*, de Hadewijch;
11. *Abele spelen*;
12. *Die geestelike brulocht*, de Ruusbroec.

Como afirmado na contracapa do primeiro volume, a proposta da BIMILI é:

Editar os mais significativos textos medievais oriundos do espaço linguístico holandês, vertê-los para o moderno-alto-alemão e comentá-los. As edições bilíngues dirigem-se aos interessados em relações interculturais, assim como a estudantes universitários e cientistas.

Na literatura medieval em holandês, a obra mais conhecida é o conto *Karel ende Elegast*, que trata da história do imperador Carlos Magno, o qual, durante sua estada em Ingelheim, recebe de Deus a incumbência de partir a cavalo para roubar e, com isso, fica sabedor de um atentado que se planejava contra sua vida! A obra em holandês medieval, provavelmente redigida no século XIII, possui também uma “versão” em médio-alemão, *Karl und Ellegast*, cuja datação se situa provavelmente no ano

de 1455.⁵ Ambas são adaptações das *canções de gesta* com temática francesa,⁶ como asseveram Bastert *et alii* (2005, p. 188-194). Sobre os autores ou compiladores dos contos ainda não há dados seguros que os identifiquem. Entretanto, os textos, bem como os comentários a eles referentes no Posfácio da obra, configuram o volume 1 da **Biblioteca** como uma edição muito bem cuidada, no tocante à Ecdótica.

Após a apresentação dos textos, por ordem, *Karl ende Elegast* e *Karl und Ellegast*, com o original em uma coluna e a versão em moderno-alto-alemão na outra, parte-se para a análise da tradição literária dos contos, na qual estão inseridos – a *canção de gesta* – seguindo-se uma caracterização do gênero nos Países Baixos e na “Alemanha”⁷, cuja fixação na escrita se prende ao espaço francófono entre os séculos X-XI. A preocupação com a contextualização histórica dos personagens, recepção das obras

5 - Contudo, é importante ressaltar que há várias diferenças estruturais e contedísticas entre os textos. Cf. Bastert *et alii* (2005, p. 193-194).

6 - Pela leitura atenta dos títulos da BIMILI, percebe-se que a influência francesa em algumas obras em holandês medieval é importante, basta ver o volume 8, cuja fonte é o romance em versos *Floire et Blancheflor*, do século XII.

7 - Utilizamos Países Baixos e “Alemanha” com reservas, pois ambos os territórios compunham à época da compilação dos contos o então Sacro Império.

e a própria estrutura das mesmas são contempladas por um conciso, porém substancial sub-capítulo, em que os tópicos acima são abordados.⁸ Por fim, são elencadas diferenças e semelhanças de estrutura e conteúdo relacionadas com alguns dos mais importantes *topoi* das **Erzählungen**⁹: Ingelheim, a floresta e os actantes¹⁰ Eggermonde e Orlous.

Do ponto de vista estritamente filológico ressaltamos, após o Posfácio, a inserção de estudos sobre a **Transmissão** das fontes, vital para o estabelecimento do texto definitivo. Segundo Bastert *et alii* (2005, p. 206), no que diz respeito ao texto em holandês medieval, “*Karel ende Elegast* foi compilado de forma fragmentária em manuscritos de fins do século 14 e do século 15. Trata-se, no que a isso tange, ... , sempre de folhas únicas ou duplas, que não abarcam pouco mais do que cem versos”, enquanto o texto em médio-alemão¹¹ se resume a um único

8 - Uma das próprias bases da Medievalística Germanística. Sobre o assunto cf., entre outros, BRAGANÇA JÚNIOR, *Filologia e Medievalística germânicas – considerações metodológico-práticas*, disponível em <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/FilologiaMedievalistica.pdf>.

9 - Em alemão, no original, “contos”.

10 - **Aktanten**, no original, os próprios “personagens principais”.

11 - **Mitteldeutsch**, no original. Corresponde ao “alemão central”, conjunto de dialetos da língua alemã falada entre os rios Benrath, no norte e Meno, no sul.

manuscrito a Idade Média Tardia, pertencente ao Kollegiatstifts¹² da cidade de Zeitz, Alemanha.

Logo após as considerações sobre os textos tem-se a Discussão Bibliográfica, na qual os editores assinalam os principais estudos críticos sobre os dois contos. Finalizando o volume 1, e que nos chama bastante atenção, são os critérios para o estabelecimento dos textos. A edição atual do conto holandês baseia-se na versão textual de apenas um exemplar de somente um incunábulo “A”, porque este *oferece a (virtualmente) mais antiga e completa versão conservada do holandês medieval Karel ende Elegast* (BASTERT *et al*, 2005, p. 213). Após a apresentação do critério de indexação dos vocábulos do texto original, as adaptações e correções do manuscrito, a cargo dos editores, são listadas. Dentre estas citamos as seguintes:

Verso	Texto Editado	Incunábulo A	Português
4	Hoorter	hoort	Ouve
47	Met	Het	Com
134	sede	seden	Hábito
208	avontueren	avontuer	Aventuras
368	doen	oen	Então

12 - No original. Uma tradução aproximada seria “capítulo do colegiado”, em que “capítulo” se refere a uma assembléia religiosa dentro de uma jurisdição eclesiástica específica.

O texto-base para a edição em médio-alemão de *Karl und Ellegast*, mencionado dois parágrafos atrás, é oriundo do Kollegiatstifts, localizado na cidade de Zeitz, Alemanha. Seguem-se as normas que pautaram a edição do texto em médio-alemão e o quadro com as variações entre o texto ditado e o manuscrito original. Algumas das variantes vocabulares são as seguintes:

Verso	Texto Editado	Manuscrito do Kollegiatstift	Português
74	obent	oben	noitinha ¹³
386	truwe	truge	fidelidade
503	gemeine	geyme	Juntos
702	lebet	lebeta	Vive
1703	kampf	kapf	luta, combate

Um registro com topônimos e antropônimos dos personagens históricos e ficcionais dos contos antecede a uma extensa bibliografia, que completa o referido livro, uma edição muito bem cuidada e com um excelente preparo filológico.

Uma segunda fonte componente da **Bibliothek mittelniederländischer Literatur** (Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval, ou BIMILI)¹⁴ traz à cena um dos mais importantes textos do mundo ocidental da Baixa Idade Média. **Reynaerts Historie** ou **A história de Reynart** é apresentada ao

13 - **Abend**, “noitinha”, “anoitecer”, no alemão moderno.

leitor contemporânea em uma edição bilíngüe médio-baixo-holandês/moderno-alto-alemão aos cuidados de Rita Schlusemann e Paul Wackers.

Talvez um dos textos mais significativos, inclusive dentro da produção literária do medievo germanófono, a história de Reynaert, ou em alemão, Reineke, Reinhart,¹⁵ dentre outros nomes, pertence a uma tipologia textual característica do baixo medievo, a partir do século XII, que se configura em uma utilização de animais como metáforas do ser humano em seus vícios e virtudes. Como estampado na contracapa do volume e para resumir a épica, *a raposa Reynaert, sempre e com habilidade, sabe se livrar de situações críticas, através de suas artimanhas, sua astúcia e se aproveitando das fraquezas de seus oponentes.*

14 - A resenha do primeiro volume da Biblioteca foi por nós empreendida. Cf. em BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Apresentação da Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval – *Karel ende Elegast – Karl und Ellegast*. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). *Revista Philologus.*, Ano 15, Número 43. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abril. 2009, p. 175-179.

15 - Devido ao espaço limitado para o artigo não traçaremos aqui a trajetória profícuca de Reynaert pelo medievo germanófono e românico. Sobre o assunto cf. *Reynaerts historie* (2005, p. 412-415; p.433-438).

Em alemão o termo **Tierepos** (épica animal) designa esse conjunto de textos.¹⁶ No caso da obra em holandês medieval, segundo Schlusemann & Wackers (2005, p. 409), houve duas importantes versões das aventuras da raposa Reynaert:¹⁷ a primeira surgida aproximadamente na metade do século XIII intitulada *Van den vos Reynaerde* (Sobre a raposa Reynaerd) e a segunda, uma reedição melhorada e ampliada do texto anterior, dada à lume ou no século XIV ou no posterior, de título *Reynaerts historie* (A história de Reynaert).

Conforme as regras de estabelecimento dos textos da BIMILI, os editores apresentam diretamente o texto em **mittelniederländisch** (holandês medieval) e em moderno-alto-alemão. Como em uma edição crítica, são apresentadas em notas de rodapé informações acerca do texto original, bem como de conceitos e termos isolados de compreensão importante.

16 - A utilização de animais em diferentes obras e gêneros literários durante o Baixo medievo demonstra a remissão constante àqueles como **quasi** retratos do homem com seus vícios e virtudes. Tanto na épica quanto na paremiologia em língua latina encontram-se animais como **specula** humanos. Sobre a importância destes nos provérbios em latim medieval, cf. BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2009., p. 66-93.

17 - Manteremos em holandês o nome do personagem principal.

Salientamos, e.g., à página 3, a nota acerca do vocábulo **Duutsche:**

Duutsche: este conceito, que remonta ao germânico *theuda* através do latim *theodiscus*, pode designar todos os dialetos continentais germânico-ocidentais, as línguas germânicas (cf. v. 4039-4041) ou também os dialetos do território lingüístico holandês. Jacob van Maerlant distingue as línguas do sudoeste (*dietsch*) daquelas no norte e no leste (*duutsch*). ...¹⁸.

Essa preocupação com a inteligibilidade da *História de Reynaert* perpassa todos os 7805 versos da obra, após o quê se procede a sua análise bem mais pormenorizada.

Schlusemann & Wackers apresentam, em um primeiro momento, a matéria e a tradição da obra, voltando até a possível fonte original, base para a *historie*, que teria sido a épica em latim *Ysengrimus*, composta por um clérigo na metade do século XII em Gent, na atual Bélgica. Segundo os editores (2005, p. 411),

este é o primeiro texto europeu, nos quais os animais não são tipos, mas sim figuras com

18 - As traduções dos originais são nossas.

nomes próprios (os dois mais importantes são o lobo Ysengrimus e a raposa Reinardus).

Em seguida são mencionadas as fontes em francês *Roman de Renart* (redigida entre 1170 e 1250) e o texto já mencionado *Van den vos Reynaerde*, anterior a 1270 e composto no leste de Flandres.

Especificamente no tocante à *Reynaerts historie*, são mostradas as diversas camadas textuais e intertextuais que ajudaram ao pretense autor, Willam, na composição de seu texto, salientando-se as variantes de conteúdo e também as apropriações da obra anterior *Reynaerde*.

Com um preparo digno das sérias edições filológicas segue-se um aparato crítico que engloba considerações acerca da transmissão do texto, via manuscritos B e C, além de dados técnicos sobre os mesmos, bem como notas relacionadas ao surgimento dos mesmos.

Outros tópicos componentes da edição que ampliam o horizonte de investigação relacionam-se à discussão sobre o pretense autor

do texto, Willam.¹⁹ Território e época do surgimento das peripécias da raposa são também analisados, contudo é extremamente significativa a análise textual, contida entre as páginas 421 e 433 e subdividida em “Estrutura”, “Aparência e Realidade” e “Poder verbal”, sendo que elementos da linguagem da intimidação e da retórica, absolutamente manipuladores, encontram-se documentados na fonte.

Para nós, *Reynaerts historie* é um texto que permite muito bem a visualização da questão histórico-social, comumente denominada “contexto”. Devido ao fato dos Países Baixos (atuais Holanda e Bélgica) se encontrarem à época da fixação da obra sob domínio burgúndio, as tensões daí advindas espalham-se. Os estamentos sociais, principalmente a nobreza e os servos, distanciam-se ainda mais um do outro. Interesses comerciais familiares, ligações pessoais fortalecidas e buscadas, modificações concernentes à administração pública, em que os funcionários públicos acabam se constituindo em uma camada de ligação entre aristocracia e “povo”²⁰ permitem a afirmação de

19 - A questão da autoria – **Autorschaft** - é tema extremamente presente e recorrente na Medievalística e na Filologia Germânicas.

20 - A palavra “Povo” prende-se aos estamentos inferiores da sociedade de então. Não entraremos na discussão teórica acerca do conceito histórico,

Schlusemann & Wackers (2005, p. 429), de que pois *é compreensível que uma constelação social de tal monta constitua um solo fértil para a economia entre primos e para a corrupção.*

A recepção da história da raposa Reynaert em território de língua holandesa e alemã é detalhada com as obras em prosa e em verso do mesmo personagem, salientando-se o cuidado com a indexação e discussão técnica e teórica das fontes. Segue-se, então, uma sucinta, porém precisa revisão bibliográfica com os principais trabalhos e estudos sobre o tema desde o século XIX até o XXI.

Os dois últimos capítulos anteriores à Bibliografia demonstram a seriedade do trabalho empreendido pelos editores. No primeiro deles, que trata da edição do texto, encontram-se as sete regras normativas para a sua fixação, sendo esclarecedor mencionar, palavras dos editores (2005, p.444), de que

não se tenciona uma reconstrução do texto original, mas sim uma edição crítica satisfatória, no que as variantes das fontes, surgidas antes de 1500, são também utilizadas.

antropológico e sociológico do termo.

Para os críticos textuais mais tradicionais, talvez aqui pudessem incidir críticas, porém a seguir indexa-se uma listagem rigorosa, que contém o número do verso, a lição da edição, a lição no manuscrito B, do qual o texto crítico é derivado, e a redação, que oferece a base para a **emendatio**. Mostremos alguns exemplos:

Verso	Texto Editado	Manuscrito B	Português
11	Ic	My	Eu
856	Hagen	Hauen	Sebe
2303	Morgen	Morge	Dia
3478	Verlengen	Verleng	Prolongou
5591	Ebenushout	Elenushout	Ébano

No capítulo seguinte tem-se um glossário explicativo com os nomes próprios, ocorrentes na *Hiistória de Reynaert*, com dados de ordem histórica e ficcional acerca deles, acrescidos com o(s) verso(s) em que aparecem. Aristóteles (v.5053) e Hécuba (v.5526) convivem na história com Juno (v.5500 e 5512) e o personagem Maradigas (5594), constante da obra *Cleomadès de Adnet le Roi*, que viveu entre 1240 e 1300 aproximadamente.

Como síntese de nossa análise das fontes em holandês medieval, vemos que a *História de Reynaert* como os seres humanos, quase que transmutados em animais, agiam e ainda agem em tempos históricos passados, porém tão cotidianos.

Como último tópico de análise, mudamos o espaço geográfico dos Países Baixos para a atual Áustria para tratar de um dos maiores representantes do trovadorismo germanófono, por muitos pesquisadores considerado o “último trovador” do mundo germânico, Oswald von Wolkenstein.

Sua data de nascimento presumível situa-se entre 1376 e 1377, assim como o local, possivelmente o castelo de Schöneck em Kiens, na parte italiana do Tirol, mas seu falecimento é atestado no dia 2 de agosto de 1445 em Meran, também localizada na mesma região, sendo enterrado no mosteiro de Neustift em Vahrn, onde sua tumba foi redescoberta em 1973. Exerceu atividades de poeta, compositor (inclusive em alguns manuscritos com suas cantigas encontram-se notações musicais) e diplomata. Dos dez aos 24 anos tornou-se escudeiro de um cavaleiro errante, tendo viajado inclusive para Creta e Espanha. Sua história de vida foi extremamente movimentada, pois participou de inúmeras ações políticas e inclusive militares em defesa ou em oposição a influentes nobres. Todavia, para a

Literatura medieval em alemão, sua contribuição possui um significado ainda maior.²¹

Com um repertório que ultrapassa o número de 130 cantigas, Oswald von Wolkenstein nelas tematiza as viagens, Deus e sexo, disso resultando uma visão bem acurada da realidade social e humana que ele vivenciou em sua atribulada existência. Sua destreza artística o qualifica como o mais importante trovador da fase final da Idade Média e do incipiente Renascimento em língua alemã. Três são os manuscritos, nos quais estão presentes seus poemas:

- a) MS A (Viena), 42 cantigas, completado em 142, e com adição de outros 66 poemas entre 1427 e 1436;
- b) MS B (Innsbruck), de 1432;
- c) MS C (Innsbruck-Trostburg), de 1450, uma cópia de B.

21 - As relações entre Literatura e História, com respeito ao Sacro Império Romano-Germânico, são exploradas, por exemplo, em BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária? – Walther von der Vogelweide e a “Alemanha” nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista. In: www.abrem.org.br/Poesiarealidade.pdf, p.1-14.

Um ponto digno de comentário é o fato do trovador ser o primeiro poeta de língua alemã que supervisionou, ele próprio, as edições dos manuscritos A e B.

Wernfried Hofmeister, professor titular de Medievalística Germanística²² na Karl-Franzens-Universität em Graz, Áustria, é um conhecedor de Wolkenstein, tendo publicado as obras completas em primeira edição de 1989. Nesta segunda, dada à luz 22 anos depois pela Walter de Gruyter, o autor acrescenta melhoramentos e atualizações à edição anterior. A respeito da postura do editor e a partir de um ponto de vista estritamente filológico, podemos comentar alguns aspectos da obra que nos parecem suscetíveis a indagações.

Primeiramente, algumas palavras acerca do tipo de edição. Os 134 textos do **Minnesänger** são apresentados na tradução para o alemão moderno, o que, para os estudiosos mais tradicionais de Crítica Textual, impossibilitaria a **collatio** com as possíveis variantes e não permitiria sua classificação como edição crítica.

22 - Para um melhor detalhamento sobre o assunto cf. BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O estudo da literatura medieval em alemão no Brasil à luz da Medievalística Germanística – algumas palavras. In: TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. *V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais*. Salvador: Quarteto, 2005. p. 258-268.

A referência para as cantigas de Oswald, base para a obra do pesquisador, é a edição de 1987 organizada por KLEIN.²³ Contudo, o trabalho de Hofmeister possui outros princípios norteadores, como o autor deixa bem claro nas suas *Considerações introdutórias*. Em suas palavras (2011, p.2), “para poder servir como uma *ponte cientificamente ‘confiável’* entre a transmissão, **i.e.**, da edição crítica dos textos de Oswald e o potencial de sentido de sua poesia, mostrou-se como mais apropriada a estrita observância da *fidelidade à palavra*.” Isso fica evidente ao analisarmos o **corpus** dos poemas, pois as versões em alemão moderno não são obrigatoriamente metrificadas nem rimadas. Hofmeister (2011, p. 2), conforme ele mesmo afirma, pretende pautar-se pelo “princípio da adequabilidade semântica”, embora posteriormente procure conferir ao seu texto uma legibilidade “fluida e *‘convidativa’*, objetivando uma prosa ritmada.

Cuidado especial dedica o germanista à questão da sequência dos versos, ou seja, à paridade e correspondência entre o original – não mostrado – e sua proposta de tradução, o que, por vezes, devido a peculiaridades e diferenças sintáticas e

23 - KLEIN, Karl Kurt (Org.). *Die Lieder Oswalds von Wolkenstein*. Com a colaboração de Walter WEISS e Notburga WOLF. Anexo musical de Walter SALMEN. 3. edição. Tübingen: Max Niemeyer, 1987.

semânticas entre os dois estratos do idioma alemão, impossibilita a pontuação conforme o seu desejo inicial.

As expressões fraseológicas, abundantes na obra de Wolkenstein, também são estudadas por Hofmeister em sua obra, e para tanto “tais expressões foram, por conseguinte, adequadamente traduzidas e encontram-se eventualmente explicadas por comentários, com o intuito de esclarecer o significado de um termo que, caso contrário, permaneceria ‘obscuro’” (2011, p. 4).

Em um segundo momento, que consideramos decisivo para a avaliação positiva do livro do medievista austríaco, aparentemente não-crítico, o catedrático de Graz acrescenta indispensáveis comentários às traduções, no total de 558, todos apensos às cantigas como notas de rodapé. Aqui inserem-se também os debates acadêmicos sobre a fidedignidade dos textos atribuídos ao trovador e aqui discorre-se sobre a questão das variantes – que parecia descartada, como afirmamos parágrafos atrás – no total sete cantigas.

Como exemplo da forma de análise das cantigas citamos os primeiros versos do poema 4 *Ouçã, Cristandade!*, no original

em **Frühneuhochdeutsch**²⁴ (I), a versão de Hofmeister (II) e nossa proposta de tradução (III). Procuramos colocar os versos nos estratos em alemão lado a lado, para melhor visualizar a comparação:

Hör, kristenhait (I)	Hör, Christenheit!* (II)	Ouçã, Crìstandade! (III)
I	I	I
Hör, kristenhait!	Hör, Christenheit!	Ouçã, Crìstandade!
ich rat dir das mit	In brüderlicher Treue rate ich	Com fidelidade fraternal
brüderlichen treuen /	dir dies: /	isto te aconselho: /
du hab got lieb für	Liebe Gott mehr als alles	Ame a Deus mais do que tudo, /
alle ding,	andere, /	Disso não te arrependerás;
es wirt dich nicht gereuen,	das wirst du nicht bereuen;	e caso desejes que tudo fique
und wiltu, das dir	und wünschst du, dass es dir	bem contigo,
wolgeling,	gut ergehe,	desvia então tuas ambições dos
dein willen ker von	so wende dein Streben von	prazeres terrenos. / ...
irdischem gelust! / ...	irdischen Vergnügungen ab. / ...	

Nota-se nestes primeiros versos o tom de apelo à conversão ao leitor/ouvinte, para que este passe a dedicar sua vida aos prazeres do porvir, vivendo para amar a Deus. Como comentário ao texto original assinalamos com asterisco a nota 8, presente na edição de Hofmeister: “Provavelmente baseando-se na citação bíblica *Audi, Israel!*” (2011, p. 18).

24 - Primeiro estágio do alemão moderno, estando em voga entre a segunda metade do século XIV e o século XVI.

As duas partes finais conferem ainda mais credibilidade científica à edição publicada pela de Gruyter. Logo após as cantigas segue-se o capítulo *Bibliografias textuais*, em que se arrolam os autores utilizados para o trabalho com cada uma das 134 cantigas, configurando-se em uma análise que nada deve a uma investigação filológica de peso.

Como último capítulo, Hofmeister brinda o leitor com uma extensa bibliografia, dividida em: Edições, Traduções/Adaptações, Obras de referência científica e Bibliografia de Pesquisa.

A simples relação do conteúdo da *Obra poética*, de Oswald von Wolkenstein, como visto, é suficiente para se depreender que, embora aparentemente introdutório, o trabalho de Wernfried Hofmeister é profundo, filologicamente estimulante, atual e rico, possibilitando na Europa a continuação e renovação, e no Brasil o estabelecimento de um debate acadêmico, inter e transdisciplinar sobre a Idade Média, mais especificamente, sobre um autor ainda pouquíssimo estudado em nossos cursos de História Medieval e Germanística Antiga.

Em um mundo conturbado pela crise de identidade do homem pós-moderno damos a ele damos a palavra final sobre outro tipo de valor, que, em sua opinião, une o canto à salvação:

19. Es ist ain altgesprochner rat	19. Existe uma antiga sabedoria
XXVIII	XXVIII
Wie vil ich [sich,] hör, sing und sag, den louff der werlde strieme, so ist recht an dem jungsten tag ain watsack als ain rieme, ain glogghaus gilt ain essich krüg;	O que eu também ouço, canto ou digo e sobre o curso do mundo medito: “No dia do Juízo Final um saco de roupas valerá tanto quanto uma tira
dient wir der sel nach irem füg,	e um campanário tanto quanto uma caneca de vinagre”.
das si wer unbetwungen, so hett ich wolgesungen.	Se quisermos, do modo certo, cuidar de nossas almas, / para que elas não pereçam, então terei cantado por uma boa causa.

Referências Bibliográficas:

BASTERT, Bernd *et alii.* (Org.) *Karel ende Elegast / Karl und Ellegast*. Münster: agenda Verlag, 2005. Bibliothek mittelniederdeutscher Literatur, v.I.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O estudo da literatura medieval em alemão no Brasil à luz da Medievalística Germanística – algumas palavras. In: BRAGANÇA JÚNIOR, *Filologia e Medievalística germânicas – considerações metodológico-práticas*, disponível em <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/FilologiaMedievalistica.pdf>.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária? – Walther von der Vogelweide e a “Alemanha” nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista. In: www.abrem.org.br/Poesiarealidade.pdf, p.1-14.

SCHLUSEMANN, Rita & WACKERS, Paul. (Org.) *Raynaerts historie*. Münster: agenda Verlag, 2005. Bibliothek mittelniederdeutscher Literatur, v.II.

TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. *V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais*. Salvador: Quarteto, 2005. p. 258-268.

WOLKENSTEIN, Oswald von. *Das poetische Werk*. Tradução de Wernfried Hofmeister. Berlin: New York: Walter de Gruyter, 2011.